

CAMINHADA NOTURNA MUNDIAL: DESTERRITORIALIZAÇÃO E AUTOPOIESE COLETIVA

World Night Walk: Deterritorialization and Collective Autopoiesis

CAMILA CARVALHO DE MELO¹, MARIA LUIZA CARDINALE BAPTISTA²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a15>

RESUMO³

O presente texto apresenta uma reflexão sobre o momento atual, quando o mundo todo passa por uma pandemia ocasionada pelo vírus Covid-19. O objetivo é o de propor uma dimensão epistemológica, reconhecendo que estamos todos como que em uma Caminhada Noturna Mundial, marcada por processos de desterritorialização e autopoiese coletiva. O texto tem como estratégia metodológica a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014, 2020), como percurso de produção de pesquisa qualitativa. A proposição nasce da discussão iniciada na dissertação *Caminhada Noturna do Turismo: Tramas Subjetivas e Comunicacionais no processo de desterritorialização*, e também das discussões semanais, dos Encontros Caóticos, promovidos no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS).

PALAVRAS-CHAVE

Desterritorialização; Autopoiese; Caminhada Noturna; Covid-19.

ABSTRACT

¹ **Camila Carvalho de Melo** – Mestra. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Bolsista PROSUC/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4047509691385278> E-mail: camila.carvmelo@gmail.com.

² **Maria Luiza Cardinale Baptista** – Doutora. Professora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2996705711002245> E-mail: malu@pazza.com.br

³ **Processo Editorial Seção Especial Covid-19** – Recebido 11 JUN 2020; Aceito 14 JUN 2020.

This paper presents a reflection on the current moment, when the world is going through the Covid-19 pandemic. The objective is to propose an epistemological dimension, recognizing that we are all on a World Night Walk, marked by processes of deterritorialization and collective autopoiesis. The text has Cartography of Knowledge (Baptista, 2014, 2020) as methodological strategy, as a qualitative research production tracking. A proposal gets start in the discussion initiated in the dissertation *Night Walk of Tourism: Subjective and Communicational Plot in the Process of Desterritorialization*, and also from weekly discussions in the Chaotic Encounters, promoted in Amorcomtur! - Study Group on Communication, Tourism, Love and Autopathy, in the Postgraduate Program in Tourism and Hospitality (UCS).

KEYWORDS

Desterritorialization; Autopoiesis; Night Walk; Covid-19.

CAMINHADA NOTURNA MUNDIAL

Imagine que você está em uma mata. Está escuro, breu total. No céu, quando as árvores permitem, você consegue enxergar a claridade provocada pela presença das estrelas. Mas a claridade não chega até o solo abaixo de seus pés. Você começa a ficar ofegante. Então, uma voz ao fundo te diz: "Agora você pode ir". E, de repente, tudo o que você tem é um fio - no qual se agarra como se a sua vida dependesse disso - e a coragem que você consegue reunir para dar um passo a frente, sem saber o que vai encontrar no caminho.

A cena acima poderia ser de um pós-apocalipse, onde, depois de muito tempo sem sair de casa, você caminha pela mata escura, pisando nos escombros de um mundo que não existe mais. Para a nossa sorte, não é. Trata-se de um dos principais momentos da Caminhada Noturna, uma proposta de percurso turístico de 600m no Distrito de Criúva, em Caxias do Sul-RS, que se faz à noite. Ali o sujeito caminha sozinho, no meio da mata, tendo como guia apenas um fio, que o conduz a uma enorme clareira onde há uma fogueira e semblantes conhecidos lhe esperando. O percurso foi objeto empírico da dissertação apresentada no PPGTURH-UCS, em 2018, intitulada Caminhada Noturna no Turismo: Tramas Subjetivas e Comunicacionais no Processo de Desterritorialização.

Hoje, a discussão segue como pesquisa de doutorado, atualmente com o objetivo de Identificar sinalizadores do processo de desterritorialização como dispositivos autopoieticos e de

agenciamento de Responsabilidade Ecológica no Sujeito-Trama do Turismo, vinculada também a dois projetos de pesquisa: Ecossistemas Turísticos-Comunicacionais: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos e ‘Conversar’ Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização - Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia.

O título desse texto nasceu de uma provocação durante a orientação da pesquisa de doutorado. Estaríamos todos nós em uma Caminhada Noturna Mundial? Isso acionou alguns gatilhos de reflexão. Quais são as características de uma Caminhada Noturna? O que estamos vivendo agora pode ser considerado um processo de desterritorialização? A seguir, apresentamos algumas aproximações teóricas que buscam responder essas inquietações, a partir das percepções que temos hoje.

A Caminhada Noturna acontece no distrito de Criúva, localizada na cidade de Caxias do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Sua característica principal, conforme apresentada anteriormente, consiste em fazer um percurso sozinho, à noite, no meio da mata, guiado apenas por um fio que conduz o caminhante até uma clareira no final da trilha. A essa experiência podem ser associados diversos sinalizadores, inerentes ao processo de desterritorialização, como a instabilidade do momento de perda do território existencial, o chão de si mesmo, o desafio da chegada, o medo de se perder e o reconhecimento do local, na chegada. São processos marcados pela sensação de estranhamento, medo, necessidade de autocontrole, percepção auditiva aguçada e simulação/certeza/confiança de que aquele trajeto levaria a algum lugar (Melo, 2019).

Para compreender o processo de desterritorialização, propomos pensar a palavra em três trilhas: território, ‘des’ território [saída do território] e ‘re’ território [reconhecimento do território; reterritorialização]. Na proposição que estamos trabalhando, o território é entendido, segundo Guattari e Rolnik (1996), além da sua compreensão física. Aqui, o que está em foco é a percepção que o sujeito tem sobre “estar em casa”. Desta forma, o território não é exatamente um lugar físico, mas uma sensação atrelada ao sentimento de segurança, um conjunto de elementos que constitui um ‘lugar casa’.

Em outro livro, *Cartografia Sentimental*, Rolnik (1989) se refere ao processo de desterritorialização, associando-o ao que ela chama de linhas abstratas, que se dividem em três: estado de fuga, simulação e organização de territórios. Na primeira linha abstrata, segundo a autora, o nosso encontro com outros corpos, sejam eles humanos ou não, implica em novos afetos, que passam a deslocar o sujeito do território onde até então ele se conhecia. A situação acaba por gerar um estranhamento, uma *crise*. Uma vez deslocado, o sujeito passa a oscilar na direção do encantamento, o que pode ser traduzido como uma sensação de familiaridade, alívio. Nessa segunda linha, três medos são frequentes: medo de morrer, medo de fracassar e medo de enlouquecer. Por fim, o sujeito passa a organizar novos territórios, criando roteiros de circulação pelo mundo recém-descoberto. São rotas por onde ele passa a operacionalizar a sua existência de vida, pilotar os afetos. Rolnik chama essa linha de finita, uma vez que finita é a duração dos territórios... Isso significa que estamos em constante desterritorialização e reterritorialização.

Com base nisso, propomos pensar que nos desfazemos e reinventamos o tempo todo. No Amorcomtur!, identificamos esse movimento de reinvenção como <autopoiese>, termo cunhado por Maturana e Varela (1997), ao identificarem que as células, dentro de um sistema maior, possuem o necessário para a sua autoprodução. Assim somos, também nós: ainda que desterritorializados, possuímos o necessário para que novos territórios sejam criados.

Tal como na Caminhada Noturna de Criúva, entendemos que a Pandemia COVID-19 nos colocou em processo de desterritorialização. Curiosamente, desterritorialização nas nossas próprias casas, em que o território conhecido se transforma em algo novo. A desterritorialização existencial, no caso, envolve processos psicossociais que extrapolam o espaço físico. Estar em casa, agora, é estar vivendo a desterritorialização de um cotidiano que implicava sair todos os dias, transitar em diversos locais, em diversos territórios. Estamos em território desconhecido, estando em casa, estranhando a reterritorialização forçada, tateando no escuro, vivendo o desafio das linhas abstratas, sem saber como isso tudo vai acabar, mas com uma certeza: vamos chegar a algum lugar.

Durante essa caminhada noturna, estamos descobrindo novas pistas, resignificando nossos lares e nossas relações com as pessoas e com o mundo. Lembramo-nos que, em 1997, Jesus Martín Barbero escreveu, em texto clássico da área da Comunicação, que precisamos redesenhar o mapa de conceitos básicos, e, para isso, é necessário mudar o ponto de vista, fazer

um *mapa noturno*. Assim é com o mundo agora. Estamos aprendendo a enxergar sob uma perspectiva diferente. Nada mais é igual. O ‘normal’ que conhecíamos não existe mais. Resta saber se todo esse estremecimento fará despertar em nós atitudes viabilizadoras de um mundo mais amoroso, ético e responsável ecossistemicamente. Pisaremos em escombros? Absolutamente sim.

Vale lembrar, no entanto, que estamos no escuro, mas não estamos sozinhos. Escute, observe os sinais, siga a sua intuição, encontre o fio. Logo ali na frente há uma clareira em que você poderá se abrigar e apreciar a luz do luar. Só que, para isso, você precisa seguir em frente, e não soltar o fio que te conduz nessa mata escura, dos entrelaçamentos de vida.

Boa viagem!

REFERÊNCIAS

- Baptista, M. L. C. (2014), Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. *Rosa dos Ventos, Turismo e Hospitalidade*, 6(3), 342-355. [Link](#)
- Baptista, M. L. C. (2018), Etc - Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica. *Projeto de Pesquisa*. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil.
- Baptista, M. L. C. (2020). Amar la trama más que el desenlace! Reflexões sobre as proposições Trama Ecossistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. *Turismo Contemporâneo*, 8(1), 41-64. [Link](#)
- Baptista, M. L. C. (2020). ‘Com-versar’ Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia. *Projeto de Pesquisa*. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil.
- Barbero, J. M. (1987), *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1996), *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Maturana, H. & Varela, F. J. G. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo*. Porto Alegre: Artmed.

Melo, C.C. de & Baptista, M. L. C. (2020), Caminhada noturna mundial: desterritorialização e autopoiese coletiva, **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**,12 (3 – Especial Covid-19), 1-6, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a15>

Melo, C. C. (2018). *Caminhada noturna do turismo: tramas subjetivas e comunicacionais no processo de desterritorialização*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Brasil. [Link](#)

Rolnik, S. (1989). *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade.